

# HISTÓRIA

N.º 64 Fevereiro de 1984 Preço 70\$00

## A GUERRA DE 14-18 E O COLAPSO DA DEMOCRACIA PORTUGUESA



INÉDITOS DA INFÂNCIA DE EDUARDO MONDLANE

Propriedade de  
Publicações Projornal, Lda.

Director de Edições:  
José Carlos de Vasconcelos

Adjuntos  
Manuel Beça Múrias  
e Pedro Rafael dos Santos

Direcção de Administração  
António Gomes da Costa  
Henrique Segurado Pavão  
e José Silva Pinto

Secretário-geral  
Silva Costa

# HISTÓRIA

Director: Luís Almeida Martins  
Adjunto: Pedro Rafael dos Santos

Colaboram neste número: António José Monteiro Valente, Carlos Jaca, Carlos M. Franco, Ilídio Rocha, José Carlos Vilhena Mesquita, José Manuel Garcia, Luísa Tiago de Oliveira, Orlando da Rocha Pinto, Victor Amorim.

Departamento Fotográfico: Joaquim Lobo, Inácio Ludgero e Joaquim Bizarro.

Departamento Gráfico: João Segurado, José Pinto Nogueira, António Martins e Carlos Tavares, com a colaboração de Joaquim de Brito e José Manuel da Nóbrega.

Serviço de Apoio: Maria João Leitão Múrias e Teresa Brás (Documentação), Helena Garcia (Secretariado).

Sede da Redacção e Administração: Avenida da Liberdade, 232, r/c dt.º — 1200 Lisboa. Telefones: 574520 / 574593 / 574643. Telex: 18386.

Direcção de Administração e Serviços Comerciais: Rua Rodrigues Sampaio, 52, 2.º — 1100 Lisboa. Telefones: PPCA / 574744 / 40437 / 540863 / 533761 / 535928.

Publicidade: Telefone directo 536236

Delegação no Porto: Redacção e Publicidade — Rua Formosa, 187, 1.º, 4000 Porto. Telef. 384611.

Composto na Intergráfica — Publicidade e Artes Gráficas, Limitada

Rua Rodrigues Sampaio, 19-A — 1100 Lisboa. Telefones: 574520 / 574593 / 574643.

Impressão e acabamento: Gráfica Europam, Limitada — Mem Martins

Distribuição: Djornal — Distribuidora de Livros e Periódicos, Limitada

Rua Joaquim António de Aguiar, 64, 2.º dt.º — 1100 Lisboa. Telefones: 657350 / 657450 / 657870.

# HISTÓRIA

Publicação mensal  
N.º 64 Fevereiro de 1984

## Sumário

- Primeira Guerra Mundial. O prelúdio do colapso do regime democrático em Portugal  
António José Monteiro Valente 2
- Teixeira Gomes, o escritor burguês  
José Carlos Vilhena Mesquita 20
- Mondlane, por ele próprio  
Ilídio Rocha ..... 34
- A neutralidade portuguesa no conflito franco-inglês  
Carlos Jaca ..... 44
- Arqueologia submarina em Portugal: o «Océan»  
Carlos M. Franco ..... 50
- Cristóvão Colombo não descobriu a América?  
Orlando da Rocha Pinto .... 62
- As cidades modernas  
Luísa Tiago de Oliveira .... 68
- Sobre a historiografia actual  
José Manuel Garcia ..... 82
- Notícias ..... 86
- Livros ..... 90
- Jogos de Guerra  
Victor Amorim ..... 93

# Teixeira Gomes o escritor burguês

*José Carlos Vilhena Mesquita \**

No conjunto das suas obras, Manuel Teixeira Gomes reparte-se por quatro fases distintas, cada uma delas, como é natural, resultante da sua vivência social e do seu paulatino, mas seguro, caminhar no tempo.

Nasceu na Primavera de 60, no século passado, e foi seu berço a cidade de Portimão a cuja beleza natural sempre se manteve fiel. Os seus progenitores filiavam-se, por razões económicas, à burguesia provinciana cujos réditos lhe permitiam prosseguir os estudos na cidade universitária de Coimbra onde, diga-se de passagem, com a tenra ida-

de de 15 anos não gostou nada de matemática obtendo reprovações sucessivas. Como ele próprio afirma a «*boémia descabelada, miséria, fome e... literatura*» fizeram dele um mau estudante, mas ao mesmo tempo um bom compincha ao lado de João de Deus, Fialho de Almeida, Sampaio Bruno, Soares dos Reis, Ciriaco Cardoso e muitos



*Teixeira Gomes, sobre quem recairá a escolha do Partido Democrático para chefiar o novo Governo de Portugal (à esquerda de António José de Almeida), logo após o seu regresso de Londres, onde desempenhava funções de ministro de Portugal*

outros nomes famosos das letras e das artes (1).

Não possuindo aquilo a que chamava «*a intuição de génio que não aprende mas recorda*» resolve enveredar por uma vida de negócios, a qual lhe possibilitou uma independência económica e lhe ofereceu uma vida repleta de viagens, nomeadamente pela Espanha, França, Bélgica, Holanda, Alemanha, África do Norte e Ásia Menor.

Por essa Europa fora vendeu os produtos naturais do Algarve e pelas margens do Mediterrâneo viveu e amou. Aliás, nesse lendário «*Mare Nostrum*» decorreram alguns dos momentos mais belos e mais felizes da sua existência, posteriormente imortalizados nas suas páginas epistolares e novelescas.

Este foi, digamos, o primeiro período da sua vida, ao qual chamou de «*anos de aprendizagem*» e que termina, obviamente, com uma nova fase, a da escrita, iniciada no declinar do século.

Teixeira Gomes nunca pensou ser escritor enquanto viveu preenchidamente a sua juventude, porém as suas qualidades revelavam-se na correspondência que trocava com os amigos, principalmente com o Fialho de Almeida, que, inclusivamente, as aproveitava como fonte de inspiração para as suas crónicas (2).

Realmente, só quando se sentiu já quarentão, chefe de família e herdeiro duma fortuna agrária que o transformara num «*lavrador abastado*», é que lançou raízes à terra, delas vindo a justificar uma vida literária

a todos os títulos notável.

Acometido pelo prazer das letras resolveu escrever o seu primeiro livro, «Inventário de Junho» cuja publicação lhe deu o alento necessário para continuar a «maginar» dramas, romances e novelas. «*Abriu-se assim um capítulo novo na minha vida e que não foi dos piores. Prontamente se me povoou a imaginação de toda a casta de figuras: estranhas, familiares, heróicas, amáveis, violentas, cómicas, vulgares, que tomavam forma, e cada uma delas, avolumando, dava motivo a um conto, a uma novela, a um drama, aglutinando, por assim dizer, em volta de si as secundárias e subsidiárias, que compunham a comparsaria da sua existência; ou defrontando-se com outros personagens, então já da sua bitola e envergadura, para iniciar os amores, os debates e os conflitos, que tem de figurar até nos mais comezinhos arremedos da vida real*» (3).

Repare-se que é o próprio Teixeira Gomes a acrescentar que esta foi, talvez, uma das suas melhores fases, pelo menos a mais sossegada e a que mais prazer e satisfação lhe veio a proporcionar em toda a sua vida. Também para nós, amantes da literatura, terá sido a segunda e a quarta fase, a que em devido tempo aludiremos, as mais importantes e profícuas deste escritor. Saliente-se que, neste período encetado em 1891 e que se extingue em 1910 com a implantação do regime republicano, Teixeira Gomes escreveu nada mais do que cinco livros realizados ao longo de uma década bastante crítica do ponto de vista psicológico, já que era a passagem dos 40 para os 50 anos e, por isso, o temor da velhice que, quer queiramos ou não, sempre nos assalta o espírito.

Ora, creio que a sua obra marca exactamente este receio da velhice espelhado no concomitante amor à vida que impregna as suas obras, agarrando-se às recordações duma existência plena de momentos felizes, que jamais se repetiriam. Provavelmente, Teixeira Gomes, terá procurado mostrar nos seus livros que, embora não sendo já um «lavrador abastado», foi, contudo, outrora um D. Juan à portuguesa que, pelas cortes do Mediterrâneo e do Norte da Europa, deixou bem vincados os seus dotes de

conquistador inveterado.

São desses anos, de nostálgico sossego, que surgem, talvez, os seus livros mais importantes. Refiro-me, naturalmente, às «*Cartas sem Moral Nenhuma*» (1903), ao brilhante romance «*Agosto Azul*» (1904), à peça de teatro «*Sabina Freire*» (1905) e à colectânea de contos «*Gente Singular*» (1909).

Pacatamente radicado no Algarve, onde geria os seus negócios agrícolas, foi repentinamente sobressaltado pela Revolução do 5 de Outubro, a cujo ideário tinha desde há muito oferecido os seus serviços (4). Eufórico de alegria saúda a Revolução vitoriosa e as massas populares que heroicamente se bateram na Rotunda pela consecução da liberdade, acabando também ele por consentir sacrificar o sossego dos seus 50 anos ao reboiço da reconstrução nacional. «*Tudo larguei e fui servir a República no posto de ministro em Londres, para onde jamais me passara pela ideia que iria, e terminantemente recusei quando mo propuseram*» (5). Mas, a 23 de Março de 1911 acaba por aceitar o imperioso dever de servir a nação na capital inglesa.



Teixeira Gomes proferindo a sua alocução ao Congresso, em Outubro de 1923, que acabava de assistir ao seu

## O diplomata «gentleman»

Partiu então para Londres onde chegou a trabalhar dezoito horas por dia, repartidas pelos seus afazeres políticos e pela paixão da criação literária, muito embora tenha sido claro em afirmar que enquanto servia a pátria não sobrava tempo para as letras: «*A minha vida em Londres foi de luta ininterrupta, e mais divertida, infinitamente, do que nunca poderia ser a contemplativa. Não escrevia romances: vivia-os; e amido êxitos a que jamais seria dado aspirar na literatura escrita*» (6).

Efectivamente, Manuel Teixeira Gomes como ministro plenipotenciário em Londres, desde 1911 a 1923, desenvolveu digníssimo trabalho, representando os interesses da República Portuguesa como até então nunca teriam sido defendidos. A sua carreira diplomática, materializada numa boa dúzia de anos ao serviço da Embaixada Portuguesa em Londres, foi apenas interrompida de 25 de Janeiro de 1918 a 11 de Fevereiro de 1919, por motivo da instauração da ditadura sidonista.



compromisso de honra como chefe do Governo que sucedia a António José de Almeida

De facto, ao grito de «*nem mais um soldado para a guerra*», «*abaixo a guerra*», eclodira vitoriosamente a revolução do 5 de Dezembro (de 1917) chefiada pelo dr. Sidónio Paes, conhecido adversário da situação conflituosa que se vivia na Europa Central. Assim, o «*Presidente-Rei*» Sidónio Paes tomou conta do poder, proibiu as mobilizações militares para a Flandres e para as colónias, dissolveu o Parlamento e instaurou a ditadura. Acto continuo, reclama a presença em Lisboa de Teixeira Gomes que na capital inglesa vinha desempenhando um papel preponderante no desenvolvimento das hostilidades antigermânicas.

Ora, como era do conhecimento geral, o dr. Sidónio Pais havia sido nomeado em 17 de Agosto de 1912 ministro de Portugal em Berlim, cargo esse que desempenhou até ao dia 9 de Março de 1916, data em que a Alemanha nos declarou guerra. Nessa estada deve ter derivado o seu gosto pelo «*Presidencialismo*», que na Alemanha se materializava numa cega obediência e disciplinada passividade do povo frente aos poderes do Estado. O próprio clima militarizado que se vivia nesse país deve ter inspirado, no fransino lente de Matemática e oficial de artilharia, a maior admiração e o mais profundo sentimento germanófilo.

Todos estes atributos que reunia Sidónio Pais, só o incompatibilizavam com a própria personalidade do seu colega em Londres, Teixeira Gomes, conhecido pelas suas posições intrinsecamente aliadófilas. Dai, o presidente dr. Sidónio Pais requisitar a presença de Teixeira Gomes, que depois de passar por Paris e Madrid se hospedou no Avenida Palace a 17 de Janeiro de 1917. Dois dias depois avistava-se com o dr. Sidónio Pais que lhe comunicou o seu desapontamento pelo facto da Legação não ter propagandeado junto dos órgãos ingleses da comunicação social, a vitória militar da Revolução do 5 de Dezembro. Por outro lado, e agora sigo a memória de Teixeira Gomes, «*disse-me que houvera na minha atitude para com os negócios da guerra uma mudança; expliquei-lhe que a minha atitude fora sempre cumprir a Aliança e não entrar na guerra sem que fosse convocada a Aliança. Disse*

*depois que a atitude que eu tomara na Inglaterra, de resto, cumprindo as instruções do meu Governo, me incompatibilizou com a defesa do caminho que este Governo agora queria seguir e assim julgava que eu devia pedir a demissão» (7).*

No dia 25, quando pelas 2 horas da madrugada regressava ao quarto n.º 153 do Avenida Palace, foi interpelado por dois polícias que educadamente lhe pediram que se considerasse preso, não tendo por isso autorização para abandonar o hotel. No dia imediato, o juiz Alfeu da Cruz procedeu ao interrogatório que ao cabo de três horas dava por concluído, na medida em que o arguido demonstrara claramente que o seu procedimento, após a revolução de 5 de Dezembro, não deveria de ser diferente daquele que, até então, Portugal vinha desenvolvendo como aliado da Inglaterra. Assim, a 4 de Fevereiro de 1918 pelas 7 horas da manhã recebeu a notícia da sua libertação.

Regressou então ao seu Algarve, mais propriamente a Portimão, onde aguardou paulatinamente pela purificação do clima político que, já se previa, só desanuviaria com a morte do ditador. E, na verdade, não tardou muito a acontecer. Assim, no dia 14 de Dezembro o ex-sargento do exército, antigo combatente em África e anti-germanófilo, José Júlio da Costa, aguardava à porta da Estação do Rossio pela chegada do ditador, que se preparava para visitar pela segunda vez a cidade invicta. Seriam onze e meia da noite, quando a comitiva presidencial chegou à estação. Ai, abrindo alas por entre o forte dispositivo de segurança, que ladeava a pessoa do Presidente, surgiu, embuçado num capote alentejano, o algoz de Sidónio que ao ouvir o hino nacional se sentiu ofendido por ver que era tangido em honra de um traidor ao ideal da República.

O jornalista monárquico e sidonista, Rocha Martins, que recolheu várias confissões e cartas de José Júlio da Costa, transcreve nestes termos o depoimento do ex-sargento: *«A pistola já estava pronta, o dedo no gatilho; para tapar a pistola tinha levado um capote alentejano e que só estava pelos ombros. E quando o Presidente vem quase junto de mim, dei um empurrão nos guardas ao*

*mesmo tempo que abria caminho, partiram dois tiros. Foram os dois sobre lado direito, um para junto do braço e o outro no ventre. A República Nova morria com o Presidente. Não dei um passo para fugir. Acabava assim o Absolutismo»(8).*

Terminava, assim, a ditadura sidonista. Dois dias depois sucedeu-lhe na presidência da república o almirante Canto e Castro, também ele um monárquico. Vencidas as intencões monárquicas da «Traulitânea» e de Monsanto, a República necessitava dum forte esteio para nele assentar os destinos da nação. Solicitou-se, então, a presença do nosso embaixador em Madrid, o agrário de Alpiarça, Dr. José Relvas, que não querendo deixar o seu gabinete de trabalho por mãos inexperientes, convidou para o substituir o seu ex-colega de Londres, Teixeira Gomes, ao tempo politicamente desocupado. É por isso que a 11 de Fevereiro de 1919 parte para Madrid um «gentleman», acostumado ao fino trato e à cordialidade do povo inglês. Felizmente, não se demorou muito por terras do Quixote, na medida em que o dr. José Relvas em Março de 1919 abandonava o Ministério, mais do que nunca desiludido com a vida partidária e determinadamente resolvido a não mais tomar parte nos destinos da República. Levava gravado na memória o presságio de uma ditadura bem mais forte do que aquela a que acabara de suceder, e essa curiosamente viria a registar-se com o golpe do 28 de Maio de 1926: *«Voltaremos às mesmas lutas estereis, ao mesmo desinteresse dos problemas nacionais, às mesmas intrigas ambiciosas, e ao cabo de um período mais ou menos longo outra ditadura virá renovar os dias de Pimenta de Castro e de Sidónio Pais, com as correlativas e perturbantes reacções, mas então já uma ditadura que sucederá com a experiência do passado àquelas que a falta de experiência tornou viáveis, Uma ditadura, que manterá apenas um simulacro de República, ou que será uma transição para a Monarquia»(9).*

Por via de tudo isto, Teixeira Gomes, abandonaria Madrid no dia 24 de Abril com destino a Londres, onde permaneceria até à



*Sidónio Pais inaugurando uma das cozinhas que em Sintra e Sacavém forneciam sopa aos pobres, e numa festa no Jardim Zoológico de Lisboa dedicada às crianças da capital*

sua nomeação para a Presidência da República, ocorrida a 6 de Agosto de 1923.

## Teixeira Gomes Presidente

O seu labor diplomático granjeou-lhe a admiração e o respeito das entidades nacionais e estrangeiras, as quais culminariam no convite formal para o desempenho das funções de Presidente da República.

Honestamente, recusou-se a merecer tão alto apreço, por não se achar digno de tão

elevada honra nacional: «*Continuo pois no propósito de nunca apresentar a minha candidatura à Presidência, lamentando que a amável cegueira dos meus amigos, e a ilusão de outros bons republicanos, que a distância faz com que me representem bem diferente do que realmente sou, se obstinem em pensar em mim, para um cargo que exige tantos predicados que me faltam*» (10).

Contudo, perante a imperiosa necessidade de tentar salvar a democracia do caos em que lentamente ia mergulhando, resolveu aceitar mais esta tarefa de que o incumbira a nação. Apesar de tudo, nunca Teixeira Gomes tivera grande fé nesta sua missão, receava um «*fiasco*» e afirmava-se como um candidato empurrado e não escolhido: «*Esperemos pelo seguimento desta, para mim muito pouco divertida, comédia do candidato feito à força*» (11).

Muito embora, Teixeira Gomes, não se achasse predestinado para desenvolver o trabalho de reconstrução nacional o certo é que, para quem ainda acreditasse na salvação da I República, só restava uma hipótese: encontrar uma personalidade de crédito nacional e internacional que tenha dado provas de incorruptibilidade, imparcialidade partidária e, sobretudo, credibilidade política.

Pensando, «*a priori*», reunir tais qualidades, foram apresentados ao Congresso as candidaturas de Manuel Teixeira Gomes, Bernardino Machado, Duarte Leite e Magalhães Lima. De todos estes o que reunia à partida mais probabilidades de vencer, era obviamente o nosso ministro em Londres, não só por se tratar de uma personalidade com prestígio político, como também por ser ele o candidato apresentado ao Congresso pelo Directório do Partido Democrático. Julgo, inclusivamente, que a razão deste patrocínio político se deve ao facto de Teixeira Gomes ser bastante amigo de Afonso Costa, conhecida figura de proa do Partido Democrático, o qual insistentemente apelava para o seu regresso à vida política nacional. Recorde-se que o dr. Afonso Costa se exilara em Paris em 1918 e só regressava esporadicamente a Portugal, na maior parte das vezes em gozo de férias. Todavia, a sua

actividade política além fronteiras foi notável, nomeadamente na qualidade de presidente da Delegação Portuguesa à Conferência da Paz e à Sociedade das Nações, a qual só abandonaria em 8 de Julho de 1926 por o então ministro Martinho Nobre de Melo ter demitido dessas funções (12).

Nestas circunstâncias, os elementos do Directório Democrático viam, na pública aplicação que o dr. Afonso Costa vinha desenvolvendo em favor do seu candidato, uma forte probabilidade de ver o «filho pródigo» regressar à casa materna. E, no fundo, era esse o interesse das cúpulas do Partido Democrático, facilmente comprovado por este breve excerto de uma carta de Augusto Soares dirigida a Teixeira Gomes:

«Você juntará à sua roda homens que poderão prestar como você altos serviços à Pátria. O Afonso Costa, por exemplo, virá consigo. Não será preciso da sua parte um grande esforço. Isso está, tenho a certeza, nos seus propósitos. Em todo o caso, não seria mau que Você pusesse ao Afonso Costa essa condição. É muito natural, é quase certo, que lhe escreverá sobre a eleição e lhe pedirá para aceitar a candidatura. Seria uma ótima ocasião para Vavocê lhe pedir a condição da vinda dele, também, para a direcção política.» (13)

Mas, apesar de todas as condições lhe serem favoráveis, o certo é que Teixeira Gomes para ser eleito Presidente da República necessitou de três escrutínios cujas resultados foram os seguintes:

1.º escrutínio — Teixeira Gomes, 108 votos; Bernardino Machado, 78; Duarte Leite, 3 votos; Augusto Soares, 2; Magalhães Lima, 1.

2.º escrutínio — Teixeira Gomes, 114 votos; Bernardino Machado, 71; Augusto Soares, 2; Duarte Leite, 1; Magalhães Lima, 0.

Ao terceiro escrutínio, conforme as normas do Congresso apenas podiam concorrer os dois candidatos mais votados, chegando-se finalmente ao seguinte resultado:

3.º escrutínio — Teixeira Gomes, 121 votos; Bernardino Machado, 5; Listas Brancas, 68.

Estávamos a 6 de Agosto de 1923 e ao cabo do 3.º escrutínio o diplomata Manuel Teixeira Gomes era designado para suceder, na Presidência da República, ao dr. António José de Almeida, o único que conseguiu levar até ao fim o seu mandato, para mais marchetado pelo êxito alcançado com a sua deslocação ao Brasil, onde pronunciou um brilhante discurso de defesa dos valores histórico-culturais dos dois povos irmãos.

A imprensa saudava esta eleição nos seguintes termos:

«O novo Presidente da República, o sr. Teixeira Gomes, não pertence ao número dos ambiciosos políticos, visto que nunca exerceu pressão sobre ninguém. O que é deve-o aos seus méritos pessoais e ao reconhecimento desses méritos por criaturas influentes que tiveram o bom senso de os aproveitar, em benefício da República.

O Congresso poderia eleger qualquer dos outros candidatos, pois em todos eles havia talentos, qualidades e serviços mais que bastantes para ascenderem à suprema magistratura do país.

Decidiu-se pelo nosso ministro em Londres...

Por que motivos?

Certamente por entender que necessitamos de um Chefe de Estado cujo prestígio esteja intacto, perante a malodiciência partidária — ao mesmo tempo habituado a ver na política uma ciência de realizações e não um torneio retórico de aventureiros» (14). Na verdade a maioria estava de acordo relativamente à escolha da personalidade de Teixeira Gomes para tão delicado cargo público.

Como se encontrava, na altura da eleição, em Londres, Teixeira Gomes só conseguiu regressar no dia 1 de Outubro, a bordo do navio inglês «Carysfort», expressamente colocado ao seu dispor pelo governo de Sua Magestade (15). Aportou a Lisboa no dia 3 de Outubro, mas só dois dias depois, no aniversário da República, é que efectivamente aquele diplomata tomou posse da Presidência da Nação Portuguesa.

No acto da sessão solene, Teixeira Gomes proferiu um discurso ao longo do qual

teceu largos encômios à figura política do seu antecessor, ao mesmo tempo que fazia um breve esboço da situação portuguesa no xadrez político internacional. O panorama era de grave crise financeira, econômica e política, portanto, exigia-se dos partidos e do povo um esforço de unidade em volta dos altos valores patrióticos e na defesa das liberdades alcançadas com a instituição do regime republicano. Todavia, em breve tudo voltou ao velho clima das guerras partidárias, inseridas num ambiente demagógico e anárquico.

A 2 de Novembro o Presidente convida o dr. Afonso Costa a formar governo. Encontrando-se este estadista em França, só a 6 de Novembro é que dá oficialmente entrada na capital, onde na presença da imprensa profere, entre outras, as seguintes declarações: «Não trago ódio. É indispensável a união de todos» (16).

Depreende-se imediatamente que os objectivos do velho republicano, do Partido Democrático, se resumiam na composição de um governo formado por todos os partidos representados no Parlamento, o que significaria responsabilizar os partidos pelo harmonioso andamento da vida política nacional. A ideia parecia boa, mas o Partido Republicano Nacionalista é que não estava nada interessado em fazer parte de tal governo, na medida em que se achava em condições de por si só poder gerir os destinos da Nação. Todavia, o Partido Nacionalista não inviabilizaria tal governo pois que, «resolve, apesar de tudo, dar no Parlamento o mais franco, leal e patriótico apoio a qualquer governo da presidência do sr. Dr. Afonso Costa» (17). Desiludido, Afonso Costa desiste dos seus intentos e a 15 de Novembro regressa novamente a Paris.

A partir daqui Teixeira Gomes convida o «leader» do Partido Nacionalista, Dr. Ginestal Machado, a formar governo iniciando-se assim um rosário governamental que só findaria com a demissão do paciente gentleman do cargo da Presidência da República. Ao gabinete do dr. Ginestal Machado (que só duraria um mês por desejar governar ditatorialmente, ao que o Presi-

dente se opôs vigorosamente) sucedeu o de Álvaro de Castro, depois o de Rodrigues Gaspar, seguindo-se-lhe o de José Domingos dos Santos, depois o de Vitorino Guimarães, sucedendo-lhe o de António Maria da Silva e por fim o de Domingos Pereira. Tudo isto no breve espaço de tempo que medeia o 5 de Outubro de 1923 e o 10 de Dezembro de 1925. Portanto, em pouco mais de dois anos, Teixeira Gomes teve de nomear sete governos diferentes, todos eles adversários políticos uns dos outros.

Realmente, para qualquer pessoa normal a paciência esgota-se, e creio que foi, talvez, isso mesmo que levou Teixeira Gomes à demissão, havendo naturalmente outros factos políticos que contribuíram para a justificação desta radical tomada de posição.

Ao mais alto posto político da vida nacional ascendeu Teixeira Gomes pensando cumprir tarefa cabal e digna dos seus créditos. Contudo, a partidarite e o incrível alheamento dos políticos relativamente à grave crise económica que dia após dia se degradava num processo avassalador, que se adivinhava, iria desembocar numa ditadura militar. Aí permaneceu ao longo de «dois anos de exemplar comportamento e superior elegância moral», cargo que «entendeu ter de abandonar retirando-se para o Norte de África, onde terminou os seus dias» (18).

A mais elevada experiência política que qualquer homem poderá experimentar foi para Teixeira-Gomes uma completa desilusão, manifestada, aliás, nesta carta autobiográfica dirigida a João de Barros e publicada na obra epistolográfica «Miscelânea», que tenho vindo a seguir a par e passo: «... Presidência que me reteve dois anos e dois meses prisioneiro, aborrecido e enjoado. (...) Um presidente constitucional, no nosso país, que se conserve fiel aos juramentos prestados, é um misto de «bonco de palha» e de «Senhor da cana verde»: o primeiro, para ser mandado, e o segundo, para ser insultado» (19).

Na mais completa frustração e tristeza, o cansado Presidente atinge, a 10 de Dezembro de 1925, o ponto da saturação.

No dia imediato, pela voz do general Correia Barreto, fazia-se ouvir na Câmara dos Deputados o seu pedido de demissão:

«Impossibilitado, por motivos de saúde, de continuar exercendo as funções de Presidente da República, venho depor nas mãos de V. Exc.<sup>a</sup> o mandato que para esse fim me foi conferido pelo Congresso da República, em 6 de Agosto de 1923.

Peço a V. Ex.<sup>a</sup> a fineza de transmitir ao Congresso as minhas saudações e os meus votos de felicidade pessoal para cada um dos seus membros.

Saúde e Fraternidade» (19).

Acto impensado? Não creio. Para homens desta têmpera o brio e a honra pessoal eram valores inquebrantáveis que nem o sacrifício pela nação conseguiu demover.

Criticado por ter abandonado o seu posto, precisamente numa altura em que o clima de descontentamento geral clamava já pela instauração da ditadura, nem por isso deixou o Parlamento de, naquele solene mo-

mento, lhe prestar as devidas honras e o natural reconhecimento pela sua imparcialidade partidária e total respeito pela Constituição.

No dia 15, encontrou-se com o seu sucessor e último presidente da I República, Dr. Bernardino Machado, com quem conferenciou por mais de uma hora, tendo na altura clarificado certos desajustados políticos havidos entre ambos que, pela força das circunstâncias, não valia a pena continuar a manter. Aliás, tanto um como outro reconheceriam mais tarde que o erro da República consistiu em permitir que a política dos partidos se sobrepusesse à política da Nação, gerando-se em torno dela um clima de instabilidade governativa que acabaria por decambar numa feroz ditadura militar, apologeticamente apelidada de «Estado Novo».

Dois dias depois, Teixeira Gomes despediu-se dos amigos mais próximos e na presença da Imprensa desejou ao País e à República as maiores prosperidades. Partiu na manhã do dia 17 de Dezembro de 1925, a



*Afonso Costa, ministro das Finanças e chefe do Governo a bordo de um avião e durante um visita à Escola de Aviação criada em 1914, no começo da guerra*

bordo do navio holandês «Zeus»; abandonava definitivamente a pátria-mãe, exilando-se, por sua livre vontade, nas terras do Norte de África.

Terminava, assim, aos 65 anos de idade a terceira fase da sua existência a qual podemos denominar por «*vida oficial*», pois que durante esta desempenhou as funções de diplomata e de presidente da República.

## O Desterrado

Quanto ao último período da sua vida, que vulgarmente se designa por «O Exílio», consideramo-lo pessoalmente como que a sua segunda juventude, na medida em que voltou a viajar e a escrever novos livros.

Dessa época remontam as publicações: «*Cartas a Columbano*» (1932), «*Novelas Eróticas*» (1935), «*Regressos*» (1935), «*Miscelânea*» (1937), «*Maria Adelaide*» (1938) e «*Carnaval Literário*» (1939).

Repare-se que houve um interregno de

sete anos sem vir a lume qualquer livro, e, quando já tinha 72 anos de idade, sem ninguém contar com tal proeza, sucedem-se seis livros cuja ordem cronológica de publicação, quase de ano para ano, dão bem uma amostra da sua sofreguidão literária. Trata-se de um exemplo que nas nossas letras não conhecemos paralelo e que por isso mesmo merece da nossa parte a devida vénia.

Estafado pelos anos, recolhe-se em Bougie, na Argélia, onde solitariamente aguarda que o tempo passe e a morte chegue. No posfácio ao livro póstumo «*Londres Maravilhosa*», o crítico literário Castelo Branco Chaves, referindo-se ao estado de total abandono em que se encontrava o velho diplomata, estabelecerá o seguinte paralelo:

*«Como Henrique Heine, também ele morreu na solidão, sofreu longa e porfiada agonia e como ele estava quase cego ao terminar a vida. Em ambos o mesmo pudor da sua miséria física final e nos dois o mesmo orgulho ao recusarem a piedade e os lamentos. 'Não quero que tenham piedade de*



*mim» — exclama Teixeira Gomes. «Ne vous apitoyez pas trop sur moi» — pede Heine a Teófilo Gautier quando este o vai visitar» (21).*

Morre praticamente cego e em completa solidão num quarto de hotel no dia 18 de Outubro de 1941. Tinha 81 anos e já poucos se lembravam dele.

Felizmente, a dedicação e a amizade que o escritor Castelo Branco Chaves prestava ao velho estadista, permitiu que se desse à estampa o livro a que sempre aludira, mas que nunca publicara: «Londres Maravilhosa» (1942) e aquando do primeiro centenário do seu nascimento o mesmo escritor compilou e publicou dois volumes de «Correspondência». Era a última homenagem justa que se poderia prestar a um homem a quem muito deve a nação e as pátrias letras.

## Breve relance pelo escritor

Da leitura dos livros mais significativos de Manuel Teixeira Gomes, ficaram-me algumas conclusões, umas adquiridas directamente nas fontes literárias e outras bebidas nos ensaios críticos da autoria de determinados intelectuais que merecem da minha parte uma indefectível confiança.

Encontrando-se em decadência o naturalismo queirosiano, surge ao lado de António Patrício, Fialho de Almeida e Raul Brandão, sendo dos mais acérrimos defensores da corrente antinaturalista, Manuel Teixeira Gomes, cuja obra não sendo demasiado extensa é, todavia, de grande mestria e real valor literário.

*«Ao cientificismo literário que pretendia assimilar o romance a um inquérito da vida vão suceder o subjectivismo, o interesse pelo subconsciente, o império da personalidade cultivada» (22). De facto a nova geração literária sofria a influência filosófica e estética de grandes pensadores como Freud, Nietzsche e Bergson que incutiram no espírito destes a importância que se deve dar ao inconsciente, ao intuicionismo, ao culto da beleza e ao orgulho da auto-afirmação (23).*



*Bernardino Machado foi ministro dos Negócios Estrangeiros, chefe do Governo e Presidente da República, funções que abandonou por duas vezes, em 1917 e 1926, por força de revoluções triunfantes*

Todos eles, uns mais do que outros, perfilharam esta linha embora, quanto a mim, pertença a Teixeira Gomes a maior distância já que o seu estilo é marcado por um neo-helenismo impressionista, no qual se confunde e interpenetra o sensualismo e o esteticismo da sua obra. O próprio autor se autocalifica de *«espírito de origem e cultura helénica»* (24), mas as suas filiações não remontam à Hélade arcaica *«geradora da lenda e da tragédia, mas a uma Grécia ideal, a do licito prazer, a do sorriso conseguido, da soberana razão, a Grécia da estesia, paraíso dos sentidos. É nesse professo misticismo estético que reside o espiritualismo de Teixeira Gomes»* (25).

A paixão pelo belo, pela harmonia da forma que na sua obra se manifesta principalmente nas descrições cromáticas do paisagismo (26) e na sensualidade dum corpo feminino esculturalmente perfeito, leva-me a admitir que a arte em Teixeira Gomes, para



além de ser recriação, é também erotismo. E na vida emocionante das viagens e dos encontros amorosos que nós constatamos esta realidade estilística em Teixeira Gomes, que nos deixa na ideia de que a vida para este literato era objecto e fonte de contemplação estética.

Na verdade, a percepção do belo engrandece o desejo e este *«é o eixo da sua literatura una e polifórmica, que, padecendo embora de amadorismo na construção, atinge no estilo singular virtuosismo»* (27). Tornam-se líricos, pela sua insistência, os temas eróticos e o seu misticismo estético, que é como que uma segunda natureza conquistada.

*«Uma pronunciada aversão pela discursividade didáctica ou moralizante, a repulsa do realismo 'banal', combinam-se em Teixeira Gomes com a ironia, predispondo-o para um tipo de conto semiconfessional, em que há nítido comprazimento na crónica egolátrica, no retrato satírico, na acentuação*

*do anómalo e nas evocações voluptuosas»* (28). Concretamente, são essas as características que encontramos nas «Novelas Eróticas», precisamente na «Margareta», onde podemos constatar uma fluência de situações marcadas pela emoção sensual de quem em vez de narrar parece antes estar a recordar.

Tal é o seu carácter e categoria literária, estando tudo contido na sua memória e dela dependendo a continuidade da novela. O autor é o herói, é o protagonista que transmite ao leitor à distância, quer no espaço, quer no tempo, uma recriação predominantemente plástica banhada na tal memória da experiência vivida, cuja imaginação naturalmente engrandece, estende, e a inteligência explica.

Teixeira Gomes não será, verdadeiramente, um extraordinário criador de personagens como Camilo, Eça ou Redol, com capacidade e talento para as misturar e voltar umas contra as outras. Não é um exímio criador de intrigas romanescas capazes de ultrapassar o próprio autor e de se individualizarem mesmo ao ponto de serem recordados em detrimento, ou melhor, esquecimento do seu criador.

Ao talentoso portimonense faltava-lhe naturalmente aquela criatividade de invenção e idealização de personagens que é característica dos grandes génios da literatura mundial. Penso, inclusivamente que tal falha se deve ao facto de a sua obra ser em geral autobiográfica, ou supostamente narrativa/descritiva das suas experiências no campo amoroso e até social, como que criando um enorme palco de figuras por vezes não muito perceptíveis, mas de entre as quais toma vulto a presença do autor como protagonista principal.

Foi exactamente isso que vi nas «Novelas Eróticas»: um dandismo, uma presumível vaidade de conquistador afamado pelos êxitos alcançados e que pretende porventura criar no espírito de quem o lê essa própria imagem, a do galã inveterado. Porém, repare-se que é isso mesmo que torna as suas obras interessantes, é a figura sedutora do autor que por detrás do confessional nos conta sem vergonha as aventuras mais pi-

cantes e voluptuosas dum D. Juan que correu o mundo e com o qual o leitor masculino desejaria naturalmente identificar-se.

A personalidade meiga e agradável do autor reflete-se nesse sensualismo esteticista e a «sua posição perante a vida, são-nos comunicados através desse estilo tão aderente à sua mensagem, tão fremente ele próprio de voluptuosas sugestões, tão clara e elegantemente preciso e conciso, tão clássico e sensorial a um tempo, que nunca entre nós com tanta propriedade a outrem se aplicou a sentença de que o estilo é o homem e o homem é o estilo» (29).

Pouco mais posso acrescentar a esta citação do dr. Urbano Tavares Rodrigues, que no fundo diz tudo sobre o autor, uma feliz síntese. No entanto, vou só acrescentar, a título de remate, uma das poucas situações em que surpreendemos o autor num momento de medo da velhice e por consequência da morte, tema aliás bastante raro de encontrar na sua literatura epistolográfica:

«Sinto-me morrendo lentamente com esta constante evocação do passado; demasiado me comprezo em olhar para trás é a impotência de quem nada tem já a criar. No dia em que se acabar a curiosidade do futuro (que mais não seja do dia seguinte) e eu não tiver olhos, nem pensamentos, senão para o passado, estará consumada a minha verdadeira morte, e não serei mais do que um cadáver ambulante» (30).

Estranhas palavras na boca de quem, mais do que ninguém, amava desmedidamente a vida. Oito décadas preenchidamente vividas e magistralmente narradas em algumas das mais belas páginas da nossa literatura.

## Notas

(1) Manuel Teixeira Gomes, *Miscelânea*, 2.ª Ed., 1.º vol., Lisboa, Portugália Editora, 1959, p. 100.

(2) «Muitos dos disparates que eu transmitia ao Fialho, o meu mais assíduo correspondente, ele os aproveitava para as suas crónicas, pondo-lhes a forma e a graça que eu não procurava, nem provavelmente seria capaz de lhe dar; e ficava contente quando ele me dizia: «essa não se perdeu; já está em letra redonda».

Idem, p. 101.



(3) Idem, p. 103.

(4) Ao que parece, essa devoção pela república remonta aos tempos da sua juventude, como, aliás, pode ser comprovado através da seguinte afirmação:

«Aos quinze anos fazia propaganda republicana, e tentava converter ao meu credo o Eduardo Abreu, condiscípulo e companheiro de casa que só trinta e cinco anos depois nele veio a comungar. Está-se a ver que o meu vigor persuasivo era frouxo, ou insuficiente, a não ser que possuísse a virtude de actuar a longo prazo, mas eu empregava-o como podia»

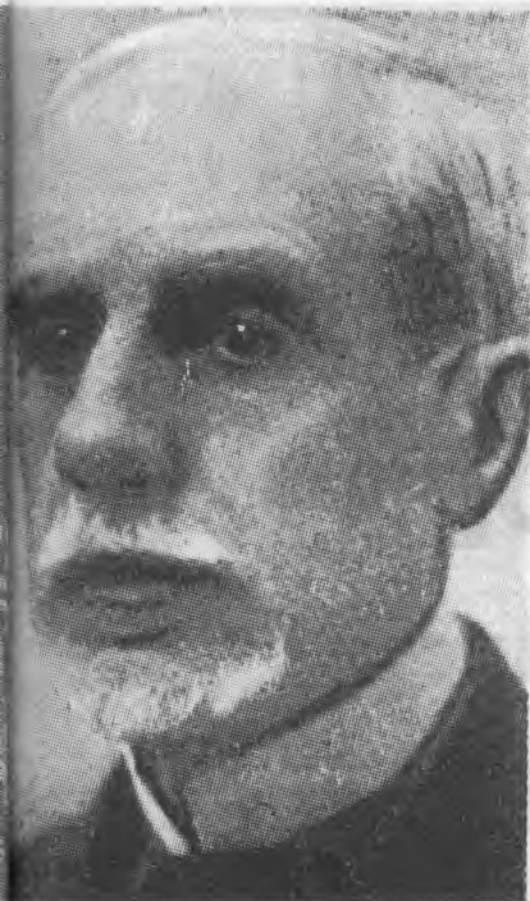
Idem, p. 99.

(5) Idem, p. 105.

(6) Idem, pp. 108-109.

(7) In, *Londres Maravilhosa*, 2.ª Ed., Lisboa, Portugália Editora, 1960, pp. 132-133.

(8) Rocha Martins, *Memórias sobre Sidónio Paes*, Lisboa, edição da Sociedade Editorial ABC Limitada, 1921, p. 306.



(9) José Relvas, *Memórias Políticas*, 2 vols., Lisboa, Edições Terra Livre, 1978, Vol. II, p. 208.

(10) In, *Correspondência*, 2 vols., Lisboa, Portugália Editora, 1960, vol. II, p. 193.

(11) Idem, p. 193.

(12) O prof. A. H. Oliveira Marques é, presente-mente, o historiador que mais tem estudado a personali-dade política de Afonso Costa, pelo que aconselha-mos o leitor mais interessado no aprofundamento deste tema a pesquisar nomeadamente nas seguintes obras:

*Afonso Costa*, 2.<sup>a</sup> Ed., Lisboa, Arcádia Editora, 1975; *Afonso Costa, Discursos Parlamentares (1900-1910)*, Lisboa, Europa-América, 1973; *Afonso Costa, Discursos Parlamentares, 1911-1914*; e *1914-1926*, 2 vols., Lisboa, Livraria Bertrand, 1976-1977; *O Segundo Governo de Afonso Costa, 1915-1916 (Actas dos Conselhos de Ministros)*, Lisboa, Europa-América, 1974; *O Terceiro Governo de Afonso Costa, 1917*, Lisboa, Livros Horizonte, 1977; *A Unidade da Oposi-*

*ção à Ditadura, 1928-1931*, Lisboa, Europa-América, 1973; *A Liga de Paris e a Ditadura Militar, 1927-1928*; Lisboa, Europa-América, 1976, e finalmente, *Correspondência Política de Afonso Costa*, Lisboa, Editorial Presença, 1982.

(13) M. Teixeira Gomes, *Correspondência*, op. cit., II vol., p. 226.

(14) «Diário de Lisboa», citado por Joaquim Antó-nio Nunes, *Da Vida e da Obra de Teixeira Gomes*, Lisboa, ed. do autor, 1976, pp. 135-136.

(15) A 19 de Setembro de 1923, o «Foreign Offi-ce» enviou um ofício a Teixeira Gomes no qual ex-pressava o vivo propósito de colocar à sua disposição o navio de Sua Majestade, «Carysfort», para que pudes-se chegar a Lisboa de forma condicente com a sua ac-tual situação do Chefe do Estado. Atendendo a que o documento tem enorme interesse passo a citá-lo na íntegra:

«His Majesty's Government have instructed His Majesty's ship 'Carysfort' under the command of Captain Parker, D.S.O., to visit Lisbon on October 5th next to mark the dual occasion of the anniversary of the Portuguese Republic and your assumption of the office of President. The Portuguese Government have intimated that this visit will be agreeable to them.

2. On behalf of His Majesty's Government, I have de honour to place at your disposal accommodation on board H.M.S. 'Carysfort' for your journey to Lisbon. It will give His Majesty's Government much pleasure if you find it possible to avail yourself of this offer.» M. Teixeira Gomes, *Correspondência*, vol. II, p. 227.

(16) *História de Portugal*, dirigida por Damião Pe-res, 10 volumes, Barcelos, Portucalense Editora, 1928-1981, Suplemento I, p. 363.

(17) Idem, p. 364.

(18) Urbano Tavares Rodrigues, «Teixeira-Gomes, Manuel», in *Dicionário de Literatura Portuguesa, Brasileira, Galega e Estilística Literária*, (dir. de Jacin-to do Prado Coelho), 5 volumes, 3.<sup>a</sup> Edição, Porto, Livraria Figuerinhas, 1978, vol. IV, pp. 1081-1083.

(19) M. Teixeira-Gomes, *Miscelânea*, op. cit., p. 108.

(20) Citado por Joaquim António Nunes, op. cit., p. 149.

(21) Castelo Branco Chaves, «Notas Ensartadas a Modo de Posfácio», in *Londres Maravilhosa*, op. cit., pp. 186-187.

(22) Urbano Tavares Rodrigues, *Teixeira-Gomes e a Reacção Antinaturalista*, Lisboa, Edição da Casa do Algarve, 1960, p. 8.

(23) Idem, ibidem.

(24) M. Teixeira-Gomes, *Cartas a Columbano*, p. 135.

(25) U. T. Rodrigues, op. cit., p. 10.

(26) Vide Elviro Rocha Gomes, *Luz e Lume na Obra de Teixeira Gomes*, Faro, 1980 (separata do «Correio do Sul»).

(27) *Dicionário de Literatura...*, art.º cit., vol. IV, pp. 1079-1080.

(28) Idem, ibidem.

(29) U. T. Rodrigues, op. cit., p. 15.

(30) M. Teixeira Gomes, *Cartas a Columbano*, p. 79.